



issn: 2176-5960

Προμηθεύς
journal of philosophy
n. 36 May- August 2021



MARCO AURÉLIO E ARISTON: O REGISTRO ESTÓICO-CÍNICO DE UM PRÍNCIPE

Breno de Magalhães Bastos¹

RESUMO: Marco Aurélio é geralmente visto como um estóico, com características próprias, algumas das quais que serviram de base para a sustentação do neoplatonismo. O presente artigo demonstrará que, para além do neoplatonismo, Marco também foi profundamente influenciado pelo cinismo, tendo sido leitor de Ariston e endossado suas teses estóicas cinicizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Marco Aurélio. Ariston. Cínicos.

ABSTRACT: Marcus Aurelius is generally seen as a Stoic, with his own characteristics, some of which served as the basis for the support of Neoplatonism. This article will demonstrate that, in addition to Neoplatonism, Marco was also deeply influenced by Cynicism, having been a reader of Ariston and endorsing his cynicized Stoic theses.

KEYWORDS: Marco Aurélio. Ariston. Cynics.

¹ Breno de Magalhães Bastos: Enfermeiro formado pela UFRJ. Especialização em saúde mental. Área de concentração: Marco Aurélio, cínicos, Michel Onfray.

Escrito a partir de 174 nos acampamentos de Carnuto e Grânico, os escritos do imperador Marco Aurélio receberam o nome de *Pensamentos Para Mim Mesmo*, entre os franceses; *selbsterinnerungen*, pelos alemães; *solilóquios*, entre os portugueses. No Brasil, é mais conhecido o nome *Meditações*. Τὰ εἰς ἑαυτόν (*Para Mim Mesmo*) foi o nome pelo qual o documento foi batizado originalmente.

Os livros II-XII possuem caráter uniforme. Compõem-se de capítulos curtos, que geralmente tomam apenas algumas linhas, raramente meia página ou mais. Os registros possuem formato de simples anotações, sem qualquer disposição sistemática. Os textos giram entorno de alguns grandes temas, que são repetidos e inter-relacionados constantemente: deuses e cosmo; natureza e razão; a relação do homem com eles, com seus semelhantes, consigo mesmo e com as coisas do mundo; o posicionamento que se deve tomar frente ao destino, à morte e à dor, bem como as perguntas de como o ser humano deve se comportar, agir e viver. A característica mais marcante de Marco Aurélio é, certamente, o matiz fortemente emotivo que alguns dos temas assumiram com ele.

Seus escritos não são originais. Seus pensamentos possuem importantes repercussões do estoicismo e, em menor escala, de outras correntes filosóficas. Assim, os doze livros – além da retrospectiva autobiográfica do primeiro – são o fiel produto de sua estrutura intelectual e psíquica, o testemunho de um sujeito em busca de significação, permeando sua visão filosófica do mundo e do homem.

Marco Aurélio escreve sempre a partir de um dado. Em momento algum encontraremos nas *Meditações* uma exposição sistemática de sua filosofia. Apenas excepcionalmente ele se refere aos grandes clássicos do estoicismo. Crisipo só aparece no livro duas únicas vezes (*Med.*, VI, 42; VII, 19). Em contrapartida, em vão procuraríamos Zenão, Cleantes ou o próprio Ariston, cujo pensamento havia desempenhado um enorme papel no encaminhamento espiritual do imperador.

Dalfen (2002, p. 178) diz que, quanto ao estilo e a forma do texto, as *Meditações* de Marco Aurélio estão agrupadas entre as diatribes. Essas formas literárias são geralmente associadas ao cínico Bion de Borístenes² e se tornaram a maior forma de expressão dessa corrente filosófica ao longo dos séculos, perpassando toda a cultura romana.

² Bion de Borístenes, filho de um escravo liberto que comerciava peixe salgado; sua mãe era uma prostituta. Foi vendido com sua família depois que seu pai trapaceou com os impostos. Foi comprado por um rétor e recebeu

Encontramos uma variedade notável de atividades literárias atribuída aos primeiros cínicos. Invariavelmente, nenhuma outra escola filosófica dedicou-se a formas de produção literária tão diversas e originais. Com os cínicos foram abertas áreas totalmente novas de atividades literárias e usadas novas formas como um modo de criticar os gêneros convencionais de escrita e pensamento cultuados nos tipos clássicos mais estabelecidos enraizados na cultura oral antiga. Seu discurso direto, com uso do ridículo e da metáfora, agradava ao gosto romano pela sátira, como as sátiras menipéias de Varrão e Sêneca e a contribuição da espiritualidade de Bion para a sátira de Horácio.

Marco Aurélio nos apresenta um artifício similar em grego. Foi inspirado ao ascetismo (*askesis*) e à tolerância da *parrhesia* na juventude segundo as lições de um de seus mestres, o pintor Diogneto, um estóico com fortes tendências cínicas.³ Concordando com Dalfen, Rutherford (1991) indica a afinidade das Meditações com as diatribes e aponta passagens em que o imperador se deleita no artifício cínico de escrita.

A similaridade de Marco com os cínicos pode parecer estranha, a princípio. Contudo, a louvação que o imperador faz à figura de Diógenes e a liberdade parecem explícita:

“... Posteriormente, à tragédia, surgiu a comédia antiga que, com sua liberdade, foi um preceptor do povo, e, chamando as coisas por seu nome, revelou aos homens a vaidade de tudo. Por isso é que dela se serviu Diógenes.” (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 108)

Diogneto foi, talvez, o primeiro professor de filosofia de Marco Aurélio, quando ainda era bem pequeno – talvez uns doze anos. Era também um pintor e, com essa arte, ele se mantinha. Contudo, no que concerne à filosofia, Diogneto possuía um estoicismo bem cinicizado. Partiu dele a ideia de Marco Aurélio se deitar numa cama de campanha, coberta por uma simples pele de animal. Entretanto, as noções filosóficas de Diogneto ainda eram primárias e, por isso, assistiu as aulas de outros três estóicos, esses sim, filósofos de ofício:

“Παρά Διογνήτου τὸ ἀκενόσπουδον· καὶ τὸ ἀπιστητικὸν τοῖς ὑπὸ τῶν τερατευομένων καὶ γοήτων περὶ ἐπιδῶν καὶ [περὶ] δαιμόνων ἀποπομπῆς καὶ τῶν τοιούτων λεγομένοις· καὶ τὸ μὴ ὀρτυγοκοπεῖν μηδὲ περὶ τὰ τοιαῦτα ἐπτοῆσθαι· καὶ τὸ ἀνέχεσθαι παρρησίας· καὶ τὸ οἰκειωθῆναι φιλοσοφία καὶ τὸ ἀκοῦσαι πρῶτον μὲν Βακχείου, εἶτα Τανδάσιδος καὶ Μαρκιανοῦ· καὶ τὸ γράψαι διαλόγους ἐν παιδί· καὶ τὸ σκίμποδος καὶ δορᾶς ἐπιθυμῆσαι καὶ ὅσα τοιαῦτα τῆς Ἑλληνικῆς ἀγωγῆς ἐχόμενα.”

educação retórica. Foi para Atenas, após a morte de seu senhor, o que lhe proporcionou ampla formação filosófica, que se iniciou na Academia com Xenócrates e Crates; depois com os cínicos e com os cirenaicos, como discípulo de Teodoro, o Ateu. E, finalmente, com os peripatéticos, sendo discípulo

“Lembro de Diogneto: desprezo pelas futilidades. Não acreditar no que dizem magos e nigromantes sobre encantações, invocações de gênios e quejandas fábulas. Não ter mania de criar codornas ou outras manias do mesmo gênero. Apreciar a franqueza. Amar a filosofia e ter tido, por professores, primeiro Báquio, depois Tandárido e Marciano. Desde criança, haver escrito diálogos. Preferir a cama dura, a coberta de pele e todo regime da disciplina helênica.” (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 15)

Sobre Báquio, Tandárido e Marciano não temos informações específicas de quem sejam.

de Teofrasto. Diógenes Laércio (2.77) atribui a Bion algumas diatribai e isso deu origem à idéia de que ele poderia ter sido o criador da forma literária da diatribe.

3. Med, I: 6

3

Um olhar mais depurado sobre Marco nos é relatado por Grimal:

“A acreditarmos em Marco, Ariston lhe trouxe uma verdadeira revelação, que o fez avaliar as insuficiências de sua formação filosófica e lhe mostrou que, aos 25 anos, ele ainda não havia impregnado a alma das boas doutrinas e dos raciocínios mais puros. Ele se puniu por isso, irritou-se, ficou desolado. De modo que é possível supormos, por muitas razões, que a leitura de Ariston marcou um momento decisivo na vida do imperador.” (GRIMAL, 2018, p. 69)

Figura quase esquecida pela filosofia, Ariston foi aluno de Zenão de Cítio, juntamente com Cleantes, e atribuiu coloração fortemente cínica ao seu estoicismo. Diógenes Laércio (2008, p. 218) relata que escreveu vários livros, todos perdidos. Reformulou muitas teses de Zenão, o que veio a responder às aspirações de Marco Aurélio e, em certa medida, refutando os argumentos de Frontão³ contra a filosofia. Uma das reformulações aristonianas mais famosas consiste na famosa divisão que

Zenão fez da filosofia entre física, lógica e ética. Ariston descarta a física e a lógica como sendo desnecessárias para a felicidade. Ou seja, a dialética se tornava desnecessária, o que

³ Cornélio Frontão: um dos primeiros professores de Marco Aurélio e Lúcio Vero. Ministrava aulas de oratória e latim aos futuros imperadores e tentou os afastar da filosofia. Feito cônsul em 143, juntamente com Herodes Ático.

levou o sarcasmo de Frontão. Isso justifica a quase completa inexistência de aparatos estóicos em Meditações que, de algum modo, dizem respeito à física e a lógica, reduzindo suas reflexões às máximas pessoais fortemente emotivas. A repulsa aureliana pela lógica pode ser encontrada, por exemplo, em:

“... a felicidade não se encontra nos silogismos...” (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 75)

Zenão introduziu a visão tripartida da filosofia de Xenócrates, mas dando um novo significado. A ética trata da adaptação da conduta humana às leis universais, a física de compreender a ordem racional que governa o universo e, finalmente, a lógica da capacidade de expressar essa ordem como ela realmente é. Contudo, Zenão provavelmente deu maior importância à ética e a física e menos à lógica. Aquele que desenvolverá totalmente a lógica será Crisipo. A rejeição da lógica também é um traço comum nas escolas cínicas e cirenaicas. Na escola cínica não sabemos se essa atitude pode ser atribuída a Antístenes, mas depois de Diógenes a escola considerou a lógica supérflua. Tanto os cínicos quanto os cirenaicos – e posteriormente Marco Aurélio - rejeitaram a cultura enciclopédica por considerá-la inútil.

Em alguns momentos, Marco adentra em Ariston e acentua seu caráter tipicamente cínico. O lema do cínico – desfigurar a moeda – faz do chiste, da paródia, do humor negro, não apenas ferramentas retóricas úteis, mas absolutamente necessárias para o estatuto cínico enquanto tal. O humor é a marca notável do discurso cínico. Na medida em que Diógenes é um oponente desinibido do nomos, todas as histórias contadas sobre ele são dispostas a ridicularizar os padrões sociais como não-naturais. Diz Branham (2007, p. 111) que Diógenes era um pedinte insistente e se aproveitava de todas as oportunidades oferecidas pela atividade de pedir esmolas para praticar a *παρρησία*: “A um avarento que demorava a atendê-lo, Diógenes disse: ‘Estou lhe pedindo para comprar comida, não para pagar as despesas do funeral’”.⁵ “Quando ele precisava de dinheiro, dizia a seus amigos que não o dessem, mas o devolvessem”.⁶ “Quando pediu esmolas a um mal-humorado que lhe disse: ‘Se você conseguir me convencer’, Diógenes respondeu: ‘Se eu pudesse tê-lo convencido, eu o teria convencido – a se enforcar’”.⁴ “Certa vez ele [foi visto] pedindo esmolas a uma estátua. Quando perguntaram por que fazia isso, ele respondeu: ‘Estou praticando ser rejeitado’”.⁵

⁴ D.L. 6.59.

⁵ D.L. 6.49.

O caráter estóico cinicizado de Marco Aurélio se utiliza de expressões tipicamente grosseiras para se expressar, utilizando, possivelmente, do artifício cínico da *παρησία*:

Τῷ γράσωνι μήτι ὀργίζῃ, μήτι τῷ ὀζοστόμῳ ὀργίζῃ.

Tu te exasperas contra quem cheira a bode? Contra quem tem mau hálito?
(MARCO AURÉLIO, 2002, p. 50)

Contudo, a forma de expressão cínica em Roma foi diversa da que encontramos na Grécia. Um elemento importante da similaridade entre as tradições cínica e romana era a crença no papel do treinamento físico no desenvolvimento à tolerância à dor e às dificuldades em geral. Griffin (2007, p. 222) enfatiza o estudo feito por Goulet-Cazé que mostra que os estóicos no período romano tentaram reter, juntamente com a noção de exercício espiritual tradicionalmente defendida pela escola e ainda enfatizada por Epicteto (3.12, 3.13.2), alguns elementos da *askesis* física cínica. Sêneca pregava períodos temporários de ascetismo (Ep. 18.5-13) e, seguindo seu mestre Átalo, abstinha-se de certos luxos e confortos em todos os momentos (Ep. 108.15-16, 23).

Outro elemento importante da similaridade das perspectivas cínicas e romanas era, certamente, o valor atribuído à modéstia e a simplicidade, algo que os romanos acreditavam como sendo a forma de alcançar a realização de seus ancestrais. Posidônio faz uma clara apologia à resistência física, a austeridade da dieta e a frugalidade geral dos romanos antigos (Aten. 6.273-75^a fr. 265-67 E.-K.). No entanto, a atitude romana em relação à austeridade era complexa e, não raro, muitos filósofos eram acusados de hipocrisia.⁶ Se entendida como ascetismo, a austeridade era inadequada para homens de vida pública. Marco Aurélio fora dissuadido de dormir no chão por sua mãe, Domícia Lucila, e dispensava constantemente todos os aparatos comuns aos imperadores, apreciando dar audiências em seu quarto de dormir. Louva seu pai Antonino, comparando-o com Sócrates:

ἐφαρμόσειε δ' ἂν αὐτῷ τὸ περὶ τοῦ Σωκράτους μνημονευόμενον, ὅτι καὶ ἀπέχεσθαι καὶ ἀπολαύειν ἐδύνατο τούτων, ὧν πολλοὶ πρὸς τε τὰς ἀποχὰς ἀσθενῶς καὶ πρὸς τὰς ἀπολαύσεις ἐνδοτικῶς ἔχουσι.

“A ele se aplicaria o que de Sócrates se disse: que tanto sabia gozar quanto abster-se dos bens que a maioria dos homens não é capaz de perder sem sofrimento nem possuir sem intemperança.” (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 18)

⁶ O exemplo mais notável é Sêneca.

A propensão à frugalidade também é evidente no imperador Juliano, um inimigo declarado do luxo, segundo a descrição de Amiano Marcelino, que louva a *temperantia* como a virtude mais destacada de Juliano. Sua auto-suficiência, comenta o historiador, não só marcou a vida que ele levava quando em expedições militares, como também esteve presente em sua existência cotidiana, ao longo de toda a sua biografia.

A austeridade de Juliano é por ele descrita:

Ele [o verdadeiro cínico] evita qualquer excesso de comida e renúncia aos prazeres da relação sexual [...] Este é o verdadeiro atalho para a filosofia. Um homem deve sair completamente de si mesmo e reconhecer que ele é divino e manter sua mente incansável e firmemente fixada em pensamentos divinos, que são imaculados e puros. Também deve desprezar totalmente o seu corpo e vê-lo, nas palavras de Heráclito, como 'mais merecedor de ser jogado fora do que o esterco (GRIFFIN, 2007, p. 239)

O colorido neoplatônico de Juliano é evidente quando subscreve a superioridade da alma sobre o corpo.

Certo desdém pelo componente físico do corpo também pode ser encontrado em

Marco Aurélio:

Ψυχάριον εἶ βαστάζον νεκρόν, ὡς Ἐπίκτητος ἔλεγεν.

Como dizia Epicteto, és uma alma infante que carrega um cadáver.
(MARCO AURÉLIO, 2002, p. 40)

Μέμνησο ὅτι τὸ νευροσπαστοῦν ἐστὶν ἐκεῖνο τὸ ἔνδον ἐγκεκρυμμένον· ἐκεῖνο ἐνέργεια, ἐκεῖνο ζωή, ἐκεῖνο, εἰ δεῖ εἰπεῖν, ἄνθρωπος. μηδέποτε συμπεριφαντάζου τὸ περικείμενον ἀγγειῶδες καὶ τὰ ὄργανα ταῦτα τὰ περιπεπλασμένα· ὅμοια γάρ ἐστι σκεπάρνω, μόνον διαφέροντα, καθότι προσφυῆ ἐστὶν. ἐπεὶ τοι οὐ μᾶλλον τι τούτων ὄφελός ἐστι τῶν μορίων χωρὶς τῆς κινούσης καὶ ἰσχύουσης αὐτὰ αἰτίας, ἢ τῆς κερκίδος τῆ ὑφαντρία καὶ τοῦ καλάμου τῷ γράφοντι καὶ τοῦ μαστιγίου τῷ ἠνιόχῳ

Lembra-te de que dentro de ti mesmo se esconde o que te move, ou seja, o cordel do fantoche. Aí está a voz que persuade, aí está a vida, aí está, verdadeiramente, o homem. Não o confundas jamais com o invólucro que o embrulha nem com os órgãos de que se serve. Os órgãos são como instrumentos, com a característica própria de terem sido dados pela natureza. Certamente, separados do princípio que os anima, tornam-se tão inúteis como a lançadeira sem a tecelã, o lápis sem o escritor, o chicote sem o cocheiro. (MARCO AURÉLIO, 2002, p. 106)

A degradação do corpo feita por Marco Aurélio também é encontrada em Epicteto, que se refere a ele como *somation* (diminutivo de corpo), *pelos* (barro) e *nekros* (cadáver).⁷ Da mesma forma, Sêneca afirma que “o desprezo do corpo é a liberdade garantida.”⁸ Adolf Bonhoffer (1968, p. 33-36) dirá que tais termos de desprezo resultam diretamente do conceito estoico da ἀδιάφορά. Eduard Zeller (2013, p. 258) encaminha seu raciocínio em outras direções, interpretando esse desprezo sob o enfoque neoplatônico.⁹ De qualquer forma, parece que o discurso aureliano está intimamente vinculado com a reflexão sobre a estrutura e a mobilidade do cosmo.

A desvalorização do componente material da existência parece notória em Marco, o que pode reproduzir uma interpretação cínica ou neoplatônica, conforme referido acima. Contudo, Marco não é sistemático também nesse ponto e, embora manifeste alguma confiança na μεταβολήν enquanto suprema ordenadora do mundo por meio do λόγον¹⁰, oscila constantemente entre melancolia e quietude, desespero e esperança baseada em suas convicções filosóficas. Assim, por vezes, parece que o autor não está completamente convencido do que escreve, ao mesmo tempo em que se esforça para interiorizar seus ensinamentos.

Diógenes Laércio nos relatará uma tese de Ariston que, ao mesmo tempo em que o distancia do estoico tradicionais, nos propõe uma visão cinicizada de Marco Aurélio:

Afirmava que o fim supremo é viver perfeitamente indiferente a tudo que não é excelência ou deficiência, não admitindo distinção alguma entre coisas indiferentes, pois as considerava todas iguais. (DIÓGENES LAÉRCIO, 2008, p. 217)

Marco Aurélio (2002, p. 110-111) dirá algo bem semelhante: “*Viverá a mais bela das vidas se fores indiferente às coisas indiferentes.*” Segue no Príncipe a mesma ruptura doutrinária produzida por Ariston, ao repudiar a tese zenoniana dos indiferentes preferíveis. Marco, obediente aos limites impostos pela romanidade, entende os indiferentes de Zenão insuficientemente eficazes para a obtenção de uma vida com autodomínio e remonta às origens cínicas do estoicismo uma indiferença que veja indistintamente todas as coisas.

⁷ Diatribes, 1.1.11, 13.5; 2.19.27; 3.10.15, 22.41; 4.11.27

⁸ Sêneca, Ep. 65

⁹ Sobre Marco Aurélio como precursor de conceitos neoplatônicos, ver também H. R. NEUENSCHWANDER, Mark Aurels Beziehungen zu Sêneca und Poseidonios, Noctes Romanae 3, Berna, 1951, 28-33.

¹⁰ Med., 5: 32.

Riqueza e pobreza, saúde e riqueza, cidadania e exílio, todas essas coisas são julgadas como indiferentes, algo que Zenão nunca aceitaria.

Para Ariston, para além da virtude e do vício, todas as coisas são indiferentes e chamar essas coisas intermediárias equivale a chamá-las de bens. Não diferem entre si, mas o sábio prefere um ou outro, atribuindo-lhes um valor de acordo com as circunstâncias. Aqui, se expressa outra doutrina de Ariston, a das circunstâncias, que brota do postulado fundamental da doutrina de que só a virtude é boa e só o vício é mau.

Ainda em *Meditações*, Marco Aurélio atestou a influência exercida nele por Ariston. No início do livro VIII lemos que a felicidade do homem não reside nos silogismos, outra característica de Ariston, que desprezava a lógica e a física, centralizando sua filosofia na ética. Aliás, como os cínicos também fizeram. A distância que Marco tentou ter pelas discussões lógicas e a própria oratória, influência aristoniana, o justificam o atrito com Frontão e sua afirmação cada vez mais contundente na filosofia.

Grimal (2018, p. 72) afirma que Ariston situa-se na grande tradição do socratismo, com o seu famoso “*ninguém é mau voluntariamente*”. E completa:

É provável que tenha sido uma das atrações que seu pensamento exerceu sobre Marco Aurélio, que, como vimos, concedia dentro de si mesmo um grande lugar à afetividade, aos arrebatamentos do coração; e vimos também que Frontão baseava seu ensino, em grande parte nesse traço de caráter que havia discernido em seu discípulo. Com efeito, a doutrina de Ariston, por contrariar essa tendência de Marco, da qual tivera uma premonição, deve ter-lhe parecido uma salvaguarda contra si mesmo. (GRIMAL, 2018, 72)

A admiração que vemos em Marco por Antonino merece alguns apontamentos. Para o ele, o sábio deve ser autárquico, deve se bastar e Antonino personifica esse estado. Contudo, ainda mais que isso, ele é a própria autonomia do universo. A virtude, ao mesmo tempo o princípio da ordem cósmica e da ação correta. A Razão Universal regula tudo e representa a própria “*dinâmica*” que, como ensinava Ariston, bastaria para apontar o caminho do conveniente nas ações particulares.

Outra característica bem marcante de Ariston em Marco Aurélio consiste no formato que seus conselhos assumem. Para o imperador, a filosofia serve para discernir entre o justo e o injusto, desenvolvendo nele uma sensibilidade, *a priori*, mas sem lhe ditar ações particulares. Marco Aurélio se manteve fiel aos ensinamentos de Ariston, que rejeitava a possibilidade de dar conselhos precisos, mas entendia que toda a vida moral repousava em

conquistarmos, em nós mesmos, uma dinâmica, ou se preferirmos, um instinto pelo qual aceitamos ou recusamos essa sugestão vinda dos outros, do mundo incerto dos seres e das coisas, conforme ela nos pareça ou não compatível com a imagem do Bem e conforme a tenhamos conseguido formar para nós mesmo.

A conhecida passagem do ator, que Marco igualmente assume, também merece menção. Ariston rejeita a aproximação da natureza para um aconselhamento que seja derivado das circunstâncias, como um ator que exerce seu papel de acordo com o roteiro e sempre considerando o princípio da indiferença absoluta para as coisas. Contudo, não se distancia muito de Crisipo e Zenão, já que concordam que a *eudaimonia* depende essencialmente de um comportamento justo e não da posse de bens externos, ou do que pode acontecer ao homem.

Essa perspectiva aristonina foi muito pertinente para Marco Aurélio enquanto imperador, para que pudesse administrar a Justiça, permanecendo fiel à tradição romana, que a queria mais equitativa do que legalista.

A teologia em Marco Aurélio merece destaque. O Princeps não demonstra um ceticismo radical nem uma fé incondicional. Nesse sentido segue outros filósofos de seu tempo, como Epicteto, a quem, ao evocar a situação criada pela conflagração universal, considera que as divindades são “parentes de Zeus” (GRIMAL, 2018, p.293). Admite, assim, uma pluralidade de divindades que circundam este, mas o admite através de um dado do qual não se pode resolver. O mesmo ocorre com Ariston, que julgava inútil a especulação sobre a natureza do mundo e considerava que nos era impossível compreender “a forma de um deus”.

E prossegue o autor:

Nem ele (Frontão) nem Marco Aurélio se preocupam de verdade com a existência real das divindades tradicionais. Aceitam-na de forma implícita, a meio caminho entre um ceticismo que lhe parecia ímpio e uma adesão total que repugna a sua razão. (GRIMAL, 2018, p. 293)

Podemos concluir que Ariston se move por posições próximas ao cinismo, do qual Zenão e Crisipo partiram. Entretanto, não aceita as modificações feitas à ética cínica, isto é, uma classe de coisas intermediárias entre virtude e vícios. O estoicismo romano, por outro lado, produz uma retomada do cinismo original recordando temas traçados por Ariston por Epicteto e também por Marco Aurélio.

Ariston chegou à vida do Princeps apenas aos vinte e cinco anos, próximo de seu casamento com Faustina, e Rústico já o havia apresentado Epicteto. Daí decorrem as importantes máximas que ficaram tão marcadas em *Meditações* segundo a qual há coisas que podemos e há outras coisas que não podemos controlar, ou ainda que tudo é opinião. Mas, ao que parece, os escritos de Ariston impactaram de uma forma muito maior o futuro imperador. O jovem Cesar ainda não teria conhecimento das dificuldades históricas do qual passaria no futuro e de que modo Ariston o ajudaria.

Novamente a notícia de Diógenes Laércio se faz necessária:

Afirmava que o fim supremo é viver perfeitamente indiferente a tudo que não é excelência ou deficiência, não admitindo distinção alguma entre coisas indiferentes, pois as considerava todas iguais. Comparava o sábio a um ator talentoso que, devendo pôr a máscara de Tersites¹⁴ ou de Agamemnon, representa os dois papéis competentemente. (DIÓGENES LAÉRCIO, 2008, p. 217)

Nas dificuldades com as guerras, para Marco Aurélio era impossível ver como indiferente as tomadas desta ou daquela decisão, quer fosse solicitada por uma cidade provincial, por exemplo. Ariston, entretanto, oferece-lhe a resposta. Se o sábio se assemelha ao bom ator que, conforme a máscara usada, desempenharia o papel como convinha, ele próprio agiria conforme a conveniência. Nesse ponto, Ariston resgata a distinção convidada a se tornar clássica no estoicismo, entre a ação correta, conforme o Bem Absoluto, e a ação conveniente, justificável por um raciocínio particular, destinado a mostrar se ela estava ou não em conformidade com a situação em que se apresentava. Essa ação, julgada conveniente, nem por isso adquiria um valor absoluto em relação àquele que agia, pois não tinha relação com seu verdadeiro ser.

A tradução que Grimal faz de Med. VI, 2 é bem intrigante:

“Que não haja para ti nenhuma diferença, ao agires como convém, quer sintas frio ou excesso de calor, quer estejas sonolento ou tenhas dormido bastante, quer falem mal ou bem de ti, quer estejas morrendo ou fazendo outra coisa. Pois morrer é uma das coisas da vida; assim, mesmo nessa circunstância, basta ordenar bem o momento presente. “ (GRIMAL, 2018, P. 71-72)

O apego à filosofia de Ariston não deixa de ser permeado por dúvidas e incertezas. Houve também momentos em que os dogmas não indicavam com clareza o que convinha fazer ou evitar. Dessas hesitações as *Meditações* nos dariam testemunho, mas em momento algum os axiomas de Ariston foram renegados. Em sua velhice, Marco Aurélio agradeceu aos

deuses por lhe haverem permitido, em muitas ocasiões, discernir claramente o que era “a vida conforme a natureza”, e por haver com frequência chegado a ela. Sua visão clara era de ordem intelectual, e estava na origem de todas as virtudes que ele havia praticado. Não era outra coisa senão a dinâmica única de que Ariston falava e que Marco se esforçava por realizar em si mesmo. Foi assim que o filósofo grego, que viveu no início do século III antes da nossa era, tornou-se o mestre pensando de um imperador romano, cerca de 450 anos depois.

Finalmente, Marco Aurélio representa um estóico muito pouco *sui generis*. Seus escritos revelam um homem mergulhado num universo de sentimentos e que usa a filosofia como instrumento de consolo. Sua rígida ética moldada no dever e na cidadania e sua constante reflexão sobre o devir revelam uma personalidade que luta para reprimir suas próprias deficiências e que ambiciona o belo. Não há o que duvidar que essa luta entre o que se quer e o que se pode, entre sua vontade e sua consciência, desagradou muitos autores e não faltaram aqueles que o caluniaram. Por outro lado, quando pensamos no imperador sozinho, escrevendo à noite nos acampamentos de Carnuto, somos imediatamente levados a pensar num filósofo que se desdobra em seus escritos através de desabaços, exortações e reflexões existenciais. Não faz do filósofo um deus – a exemplo dos estóicos antigos -, mas se coloca numa posição de aprendiz e expectador da vida, como um ator cuja única função é a interpretação de um papel que lhe fora concedido pelo diretor. E, através de sua desiludida visão de mundo, alcança timidamente o que poucos homens conseguiram alcançar: a paz.

REFERÊNCIAS

- BILLERBECK, M. *O Cínico Ideal: de Epicteto a Juliano*. In: Os Cínicos: O Movimento Cínico na Antiguidade e o Seu Legado. Org. de Marie-Odile Goulet-Cazé e R. Bracht Branham. Edições Loyola: São Paulo, 2007.
- BONHOFFER, A. *Epictet und die Stoa*. Stuttgart, 1890 (reimpr. Stuttgart, 1968).
- BRANHAM, R. Bracht. *Desfigurar a Moeda: A Retórica de Diógenes e a Invenção do Cinismo*. In: Os Cínicos: O Movimento Cínico na Antiguidade e o Seu Legado. Org. de Marie-Odile Goulet-Cazé e R. Bracht Branham. Edições Loyola: São Paulo, 2007.
- BRUN, Jean. *O Estoicismo*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- DALFEN, Joachim. *Marco Aurélio*. In: Filósofos da Antiguidade 2: Do Helenismo à Antiguidade Tardia. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2003.
- DIÓGENES LAERTIOS. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. 2ª Ed, reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

GRIFFIN, Miriam. *Cinismo e Romanos: Atração e Repulsa*. In: Os Cínicos: O Movimento Cínico na Antiguidade e o Seu Legado. Org. de Marie-Odile Goulet-Cazé e R. Bracht Branham. Edições Loyola: São Paulo, 2007.

GRIMAL, Pierre. *Marco Aurélio: O Imperador Filósofo*. Tradução Vera Ribeiro – 1ª Ed – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

INWOOD, Brad, Org. *Os Estóicos*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

KRUEGER, Derek. *O Indecente e a Sociedade. O Despudor de Diógenes na Cultura Imperial Romana*. In: Os Cínicos: O Movimento Cínico na Antiguidade e o Seu Legado. Org. de Marie-Odile Goulet-Cazé e R. Bracht Branham. Edições Loyola: São Paulo, 2007.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga IV: As Escolas da Era Imperial*. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

RUTHERFORD, R. B. *The Meditations of Marcus Aurelius: A Study*. Oxford, Univ: 1991.

SÊNECA. *As Relações Humanas: A Amizade, Os Livros, A Filosofia, O Sábio e a Atitude Perante a Morte*. Tradução de Renata Maria Parreira Cordeiro. Editora Landy: São Paulo, 2002.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Estoicismo Romano: Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ZELLER. *Die Philosophie der Griechen*. Nabu Press, 2013.